

Brasileiras do Futebol: Contribuições para a História do Esporte (de sua origem moderna aos dias atuais)

Gustavo Esteves Lopes

O Futebol, oficialmente denominado *Football Association*, é um esporte coletivo primordialmente lúdico, mas que requer resultados competitivos e rendimentos atléticos; seja este em condições amadoras ou profissionais, enquanto atividade física. De forma lúdica sem abandonar o espírito esportivo competitivo, homens e mulheres, meninos e meninas praticavam o futebol – *ou football, fussball, fútbol, soccer, calcio...* – desde antes de sua institucionalização, com a fundação da The Football Association (The FA) em 1863, da International Football Association Board, em 1886, e da Fédération Internationale de Football Association, em 1904.¹

Entre os finais do século XIX e inícios do século XX, a prática do futebol, bem como de outras modalidades esportivas, como o rúgbi, natação, atletismo e lutas eram populares em *clubs*, agremiações esportivas, parques públicos, pátios de colégios e faculdades. A prática destas modalidades esportivas, ditas “modernas”, foram se espalhando por centros urbanos, e mesmo ambientes rurais, de todos os lugares do mundo onde houvesse uma difusão da cultura eurocêntrica, ocidental. Dentre as normas estabelecidas pela FA, e demais entidades pioneiras, não havia a resolução se o futebol deveria ser praticado exclusivamente por homens. Contudo, do ponto de vista moral, esta modalidade esportiva, bem como outras de contato físico, sofriam certa reprovação, em se tratando da prática feminina das mesmas. Citem-se promotores de eventos esportivos, pedagogos, médicos que proferiam discursos de matizes estéticos, morais e fisiológicos, justificando a necessidade de restrições às práticas esportivas por mulheres à luz das normas de conduta e padrão de cultura física característicos, *grosso modo*, da chamada *Belle Époque*.²

A ala feminina das agremiações esportivas participava de eventos esportivos

¹ Para informações mais precisas sobre as origens do “futebol moderno”, o Football Association, Cf. FRANCO JR., Hilário. *A Dança dos Deuses: Futebol, Cultura e Sociedade*. São Paulo: Cia. Das Letras. 2007; MURRAY, Bill. *Uma História do Futebol*. São Paulo: Hedra. 2000.

² Cf. SCHPUN, Mônica Raisa. *A Beleza em Jogo: Cultura Física e Comportamento em São Paulo nos anos 20*. São Paulo: Boitempo/SENAC. 1999.

masculinos, basicamente, como plateia fundamental em exhibições amistosas e competições. Mas havia também aquelas que extrapolavam o padrão de cultura física feminina e participavam, inclusive com pretensões de competição, de modalidades como ginástica, natação, ténis e dança clássica. Ainda que o futebol também fizesse parte do gosto atlético feminino – como outras modalidades esportivas de maior contato físico – as restrições à prática lhes eram severamente imposta.

Ainda em seus inícios, a partir da segunda metade do século XIX, “esportes modernos” – ditos regulamentados – eram praticados de forma amadora em agremiações esportivas formadas por estudantes ou trabalhadores homens de categorias profissionais de toda sorte. Mas desde a passagem do século XIX para o século XX, o processo consolidação da prática do futebol também teve a contribuição de mulheres para a disseminação e popularização da modalidade em todos os níveis de sociabilidade.

Vítima de opiniões machistas, cínicas ou jocosas, o futebol praticado por mulheres era considerado excessivamente lúdico ou tecnicamente débil, sempre quando comparado por aquele praticado por homens. Assim, a atuação feminina em arquibancadas e, eventualmente, dentro de campo, inevitavelmente se fazia mais pelo “decoro”, “recreação”, “torcida”, “graça” e outros modos de relegar às mulheres estas funções extra-esportivas, do que praticar o esporte em si com intuítos competitivos.

Homens participavam efetivamente de competições interclubes e de seleções regionais e nacionais desde os finais do século XIX, principalmente em países europeus, com presença de público ultrapassando dezenas de milhares. Contudo, também nesta mesma época, registrou-se partidas de futebol feminino com a presença média de mais de 8 mil espectadores, competições e amistosos, principalmente entre as inglesas do norte e do sul, em 1895. Ainda que banida da FA desde 1897, o futebol feminino teve sua maior chance de se expor publicamente de forma organizada durante os anos de I Guerra Mundial e anos subsequentes, em meio a uma Europa devastada, para realmente salvar o futebol de um possível ostracismo, inclusive por falta de *quorum* masculino – dizimado por obuses, metralhadoras, baionetas e moléstias.

Com as baixas de soldados e civis durante a I Guerra Mundial e, conseqüentemente, as mulheres tomando os postos de trabalho tradicionalmente masculinos – entre operários e camponeses – nos países europeus como França, Alemanha, Inglaterra e demais grãos-bretões, e mesmo banido, o futebol feminino

chegou a atrair aproximadamente de 15 mil espectadores, em média, em amistosos e competições interclubes e de seleções regionais e nacionais, durante o período entre guerras.

O futebol feminino chegou a ser considerado um “perigo”, um “malogro” pelos chamados Old Boys (dirigentes esportivos, herdeiros políticos dos fundadores da FA e da International Board). Assim como “jogar por dinheiro”, “agir com corrupção” e “perder da virilidade” eram pecados mortais no *Index* dos Old Boys, o futebol praticado por mulheres progressivamente se tornava parte de rol, como uma aberração – ou seja, quanto mais sucesso vinha fazendo junto aos apreciadores, mais vilipendiado era pelos “cartolas” de então. Para estes senhores era, pois, um mau futebol, como se fosse impraticável entre mulheres, porque acostumados apenas ao rendimento físico e performático masculino. Apesar dos pesares, as mulheres resistiram praticando o futebol em tempos que este esporte teve a real possibilidade de ser esquecido em meio tantas outras modalidades esportivas mais modernas porque tecnológicas, como o ciclismo e o automobilismo – novidades muito atraentes ao gosto masculino burguês das primeiras décadas do século XX.

O futebol – aliás, o esporte em geral – foi se constituindo enquanto um palco da representação de virtudes e preconceitos em que o gênero feminino adquirira o *status* de figurante, ou de acessório. Na tentativa de romper com estas condições de figurante ou de acessório, o futebol feminino era repreendido publicamente, por meio não só da corroboração do discurso esportivo convencionalmente machista e restritivo à prática, mas também de perversidades caracterizadas nas formas de desmerecimento, ofensas, e sarcasmos. A título de exemplo, a FA por diversas vezes banira o futebol feminino de suas competições – 1897, 1921, 1936 – sempre pelos mesmos motivos de antes: o resguardo dos supostos códigos essenciais do futebol honra, moralidade e virilidade. Apenas em meados da década de 1960, o futebol feminino retornou com vigor aos gramados ingleses e europeus em geral. Para tanto, criou-se, pois, um braço específico para o futebol feminino pela FA em 1969, e por outras federações europeias, existentes até o presente momento. Quanto a outras entidades administrativas do desporto, a FIFA, desde sua fundação, fora omissa quanto à promoção do futebol feminino, até sua admissão oficial em 1986; ao passo que o IOC (International Olympic Comitêe), *idem*, integrando a modalidade esportiva em seus eventos apenas em 1996.

À exceção da Ex-URSS, Estados Unidos, Canadá, Austrália, Nova Zelândia, e alguns outros países cujas federações nacionais já incentivavam e promoviam o futebol feminino também desde a década de 1960, o restante dos países americanos, africanos e asiáticos – à guisa de padrões culturais distorcidos por regimes autoritários que faziam apenas do futebol masculino o lugar comum de suas propagandas políticas – tardaram um pouco mais para “legalizar” o futebol feminino, mais precisamente à década de 1980.

Em termos gerais, no meio esportivo com maior plenitude de participação feminina, no decorrer das décadas de 1970 e 1980, havia se tornado impertinente a manutenção de quaisquer formas de impedimento, banimento, restrição, proibição. Além destas impertinências, modalidades esportivas praticadas por mulheres, com o apoio de patrocinadores e visibilidade junto ao público interessado, demonstraram evidência positiva dos rendimentos físicos e performáticos de atletas em competições profissionais e amadoras, além de se tornarem importantes objetos de publicidade e marketing e, no mais, de políticas de inclusão social.³

No Brasil, o desenvolvimento do futebol feminino e do esporte em geral tivera características semelhantes a outros países latino-americanos – sobretudo as predileções populares e elitistas pela prática masculina de esportes coletivos – contudo lhe seja mais visível suas características próprias, e que fizeram do *esporte bretão* uma paixão nacional.

O então jovem Charles William Miller, paulistano filho de ingleses, trouxe duas bolas, pares de chuteiras e conjuntos de uniformes para 2 equipes e as regras do *football association* para sua terra natal, em 1894, após 11 anos de estudos em Banister Court, Southampton, Inglaterra. Rapidamente, esta modalidade esportiva – diferentemente do rúgbi, também importado por Charles W. Miller – ganhou a predileção popular e elitista, à medida que sua prática foi se consolidando em agremiações de praticantes e entidades de administração esportivas. Noticiários impressos informando sobre a realização de amistosos e competições, e propriamente sobre características de agremiações

³ Sobre noções acerca dos conceitos de rendimento físico e performance, Cf. TUBINO, Manoel José Gomes. *As Dimensões Sociais do Esporte*. São Paulo: Cortez. 2001.

esportivas e atletas destacados dentro destes quadros, auxiliaram nesta consolidação, levando ao público interessado a importância do entretenimento e do fim social do futebol e de outras modalidades, assim promovendo progressivamente sua prática esportiva. Concomitante a estes dados, a prática do futebol feminino no Brasil fora cerceada desde seus primórdios – salvo exceções –, porque considerada inadequada à condição física, moral e estética das mulheres.⁴ Cerceamentos, restrições, proibições às mulheres se perpassavam em todos os planos da cultura e da estrutura política brasileira: familiar, educacional, profissional e governamental. O esporte foi e é um reflexo desta e outras tantas características da sociedade brasileira, e de muitos outros países.⁵

A educação e a cultura física, estética e esportiva no Brasil, no decorrer de todo o século XX, definiam claramente quais comportamentos e práticas eram exclusivas e/ou comuns a homens e mulheres, a crianças, adolescentes e adultos. O futebol e outras modalidades esportivas de contato físico eram expressamente não recomendados às mulheres. Em manuais e revistas de educação física promovidos por governos das três esferas de poder, e por setores privados interessados em cultura esportiva divulgavam estas diretrizes.⁶

Estes foram duros golpes sofridos pelo futebol e o esporte feminino como um todo, no plano institucional. Em 1933, a prática feminina desta modalidade não fora levada em conta quando da sanção das leis desportivas que profissionalizavam o ofício de atleta de futebol, em nada se referindo ao assunto, talvez devido à condição incipiente de sua prática, ainda que notoriamente não recomendada desde anos antes. Mas em 1941, o futebol, o rúgbi e quaisquer lutas praticadas por mulheres foram proibidas por decreto-lei federal (3199/41), e posteriormente corroboradas pela Deliberação 07/1965, expedida pelo Conselho Nacional do Desporto (CND). Com efeito, estes cerceamentos, restrições e proibições impostas ao futebol feminino – de todos os lugares aonde o futebol chegou e se popularizou, no Brasil e no mundo –, levaram-no a um ostracismo. As mulheres perderam espaço até como espectadoras do espetáculo, cedendo-o a homens de todas as idades, classes sociais, profissões, níveis de

⁴ Cf., MAZZONI, Thomaz. *História do Futebol no Brasil: 1894-1950*. São Paulo: Leia. 1950.

⁵ Cf., FRANCO JR., Hilário. *Op. Cit.*

⁶ Cf., AZEVEDO, Fernando. *Manual de Educação Física*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação. 1923.

instrução escolar: evadiram-se cada vez mais das quatro linhas e das arquibancadas dos estádios do mundo futebolístico afora.⁷

No contexto esportivo mais amplo, nas tradicionais modalidades esportivas mais “recomendáveis” às mulheres, atletas brasileiras com alto rendimento físico e performático, como Maria Lenk na natação (entre as décadas de 1930 e 1940), e Maria Esther Bueno no tênis (entre as décadas de 1950 e 1960), não foram modelos de atletas suficientes para que autoridades públicas, empreendedores e dirigentes de entidades desportivas vissem em modalidades esportivas femininas – mais ainda no futebol – algo promocional em favor de políticas de inclusão social, em termos de profissionalização e de exercício de cidadania – e tampouco como objeto de publicidade e marketing.

Movimentos culturais, políticos e sociais de diversos matizes, como movimentos feministas, sindicais, pacifistas, afrodescendentes, indígenas, etc., fizeram do esporte meios de expressão de suas respectivas causas, no exterior e por vezes no Brasil, sobretudo desde a década de 1960. Dentro deste contexto, o futebol feminino no Brasil voltou a ser praticado, timidamente, e de forma amadora, em clubes, praças públicas, praias. Apesar das proibições à prática do futebol feminino no Brasil, *a ditadura militar havia mais pessoas a quem perseguir* (i.e., os movimentos sociais e culturais em oposição ao regime de exceção). E também não havia mais porque gerações de jovens daquela época ser orientadas por antigos manuais “ultrapassados” de educação física editados em décadas anteriores.

Sem a mesma repercussão de outras modalidades esportivas de maior visibilidade e popularidade entre mulheres, o futebol no Brasil começou a receber maior atenção desde os inícios da década de 1980. A primeira equipe de maior expressão formada no Brasil foi o *Radar Futebol Clube*, um antigo clube de futebol de praia, fundado em 1931, o qual montou equipes femininas de resultados expressivos entre 1982 e 1988, quando neste foi encerrada a prática do futebol feminino, alegando falta de iniciativas públicas e investidores privados para a promoção da modalidade esportiva. Na trajetória do *Radar F.C.* foram 71 exhibições invictas entre competições e partidas

⁷ Cf., ALABARCES, Pablo (org.). *Peligro de Gol: Estudios sobre deporte y Sociedad en América Latina*. Buenos Aires: Clacso. 2000. FRANZINI, Fábio. *Futebol é 'coisa para macho'? Pequeno Esboço para uma História das Mulheres no País do Futebol*; in: *Revista Brasileira de História*. v.25, n.50, Jul./Dez. de 2005. MOURÃO, Ludmilla; MOREL, Márcia. *As Narrativas sobre o Futebol Feminino: o Discurso da Mídia Impressa em Campo*; in: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 26, n. 2, Jan. de 2005.

amistosas realizadas no país e no exterior, com 66 vitórias, 3 empates e 2 derrotas. A inícios da década seguinte, boa parte das atletas que formavam esta equipe foi convocada para representar a seleção brasileira durante a I Copa do Mundo, na China, em 1991, sob os auspícios da Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

Com uma organização sem o devido incentivo, e tradição esportiva ainda em construção, o futebol feminino no Brasil, além de estar mais distante da preferência do público em geral, também está aquém, do ponto de vista institucional, de estruturas já montadas por entidades de administração e de prática da modalidade esportiva (clubes, ligas, federações) de outros países, como os EUA, Alemanha, Suécia, Noruega e Dinamarca. Em nível nacional, há o Campeonato Brasileiro desde 2007, organizado pela CBF; mas até então, outras entidades administrativas do futebol, como a LINAFA (Liga Nacional de Futebol, especializada na prática amadora), FPF (Federação Paulista de Futebol) e a FFERJ (Federação Futebol do Estado do Rio de Janeiro), por exemplo, é que organizavam competições.

Atualmente, em Estados das regiões *centro-sul* do país se encontram as competições de futebol feminino de maior interesse aos patrocinadores e às atletas de alto rendimento físico e performático que aspiram ao profissionalismo. A título de exemplo, dentre os clubes que participam de eventos esportivos atualmente promovidos pela CBF, destacam-se, no Estado de São Paulo, o *Santos F.C.*, o *Botucatu F.C.*, e o *Saad E.C* (e sazonalmente o S.C Corinthians Paulista, a *S.E. Palmeiras* e a *Portuguesa de Desportos*). No Estado do Rio de Janeiro, destacam-se o *América F.C.*, o *C.R. Vasco da Gama* e o *C.E.P.E.-Duque de Caxias* (atual campeão brasileiro). Como demonstração do esforço empreendido para a promoção do futebol feminino, citem-se as atividades do *Santos F.C.*, *Saad E.C.* e o *C.E.P.E.-Duque de Caxias*, os quais realizam, por exemplo, intercâmbios de atletas em formação com clubes do exterior (EUA e Europa), programas de treinamento e aperfeiçoamento, além de pontuais transações contratuais profissionais.

Em nível nacional, o *Santos F.C.* vem obtendo resultados significativos, como a conquista da I Copa Libertadores Feminina, em outubro de 2009, e o Campeonato Brasileiro, em dezembro do mesmo ano, com a participação de atletas consagradas como Marta Vieira da Silva, vencedora 5 vezes consecutivas do Prêmio FIFA/*Balle*

D'Or. Campeão brasileiro de 2007, representando o Estado do Mato Grosso do Sul por iniciativa de patrocinadores deste Estado, o *Saad E.C.*, tradicional clube de São Caetano do Sul que abandonou o futebol masculino em 1989, dedica-se exclusivamente ao futebol feminino desde então. Estes clubes citados, além de outros localizados no *centro-sul* do país, com maior experiência na gestão do futebol feminino, mantêm convênios com empresas e órgãos públicos de todas as esferas de poder para oferecer infraestrutura e renda às atletas, pois como um todo, não há futebol feminino enquanto categoria profissional organizada no país. No BID – Boletim Informativo Diário – da CBF, que trata de quaisquer ações institucionais interclubes, atletas femininas, mesmo aquelas consagradas pelos meios de comunicação e pelo público em geral, são consideradas amadoras, ainda que de fato não sejam.

Algo de maior visibilidade junto ao público interessado, a seleção brasileira de futebol feminino participa de partidas internacionais desde meados da década de 1980, sob a tutela da CBF, entre competições sulamericanas, panamericanas e, principalmente mundiais e olímpicas, incluindo também as categorias de base. A seleção brasileira foi 5 vezes campeã sulamericana, desde a primeira edição em 1986; bicampeã panamericana (2003 e 2007); participante de todas as Copas do Mundo, realizadas desde 1991, promovidas pela FIFA; e dos Jogos Olímpicos, desde 1996, organizados pelo IOC. É a atual vice-campeã olímpica e vice-campeã mundial. No ranking mundial da FIFA, há anos vem logo atrás apenas dos EUA e Alemanha, ao lado de seleções campeãs mundiais como a Suécia e a Noruega.

Após uma maior publicidade do futebol feminino brasileiro no exterior, devido aos resultados expressivos obtidos nas últimas 3 décadas, e amparadas por leis que regulamentam o *desporto* nacional – como as leis 8.672/93 (Lei Zico) e 9.615/98 –, centenas de atletas brasileiras atuaram ou vêm atuando em ligas profissionais do exterior, principalmente nos EUA e países europeus como a Alemanha e Suécia.

Dentre as mais destacadas ex-atletas, “militantes” do futebol feminino, Meg (goleira), Pelezinha (atacante), Sissi (meio-campo) e tantas outras foram importantes na consolidação das primeiras equipes e seleções nacionais com alto rendimento físico e performático, entre as décadas de 1980 e 1990. Atualmente, estas mulheres continuam a desenvolver projetos com o objetivo de difundir a modalidade no país. No presente

momento, atletas como Marta (meio-campo), Cristiane (atacante), Érica (atacante) e Rosana (defensora) são atletas mundialmente pelo futebol que apresentam, atuando profissionalmente em seus clubes, e em partidas oficiais e amistosas da seleção brasileira. As atletas acima elencadas, bem como outras de alto rendimento físico e performático, vivem se transferindo do país para o exterior (e vice-versa) para preservarem o futebol enquanto atividade profissional, porque sujeito a incertezas contratuais, as quais também acontecem dentro do futebol masculino e de outras modalidades esportivas femininas, também populares, praticadas no Brasil (como o voleibol, o basquetebol, a natação, o judô).

Mas algo importante, senão substancial, que falta a estas atletas é a segurança de trabalhar com a carteira profissional assinada, receber garantias sociais em momentos de dificuldade. É certo que a manutenção do amadorismo e da precariedade de infraestrutura no futebol feminino brasileiro influi no cotidiano de concentrações, treinamentos e partidas. Mas a falta de garantia em receber seguro desemprego, licença maternidade, indenização por acidente de trabalho influi severamente em sua vida íntima e em família. À custa de muito esforço pessoal de atletas e ex-atletas, treinadores, preparadores físicos, investidores públicos e privados, dirigentes de entidades administrativas e de prática da modalidade, o futebol feminino vem se popularizando no Brasil nos últimos anos; de forma que clubes e seleção brasileira (inclusive em suas categorias de base) vêm renovando seus quadros de atletas com maior intensidade, e se preparando com melhor planejamento para quaisquer competições.⁸

No ano de 2011 será realizado em julho a Copa do Mundo na Alemanha e, em Agosto, os Jogos Pan-americanos em Guadalajara, no México. No ano seguinte, os Jogos Olímpicos de Londres. Em 2015, outra copa do Mundo, em local ser definido. Dada a importância de cada competição, todas estas servirão de alento e preparação da seleção brasileira para o maior evento esportivo a ser realizado em solo brasileiro: os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, em 2016. É certo que uma sucessão de conquistas

⁸ Relatos que expõem as experiências, sentimentos, ilusões e dramas de atletas de futebol com alto rendimento físico e performático, Cf. SIMÕES, Renê. *O Dia em que as Mulheres Viraram a Cabeça dos Homens*. Rio de Janeiro: Qualitymark. 2004. O autor, ex-treinador da Seleção Brasileira Feminina vice-campeã olímpica, descreve os acontecimentos relacionados à preparação e à experiência da participação marcante da equipe durante os Jogos Olímpicos de Atenas.

internacionais contribuirá para a difusão do futebol feminino no país. Contudo, são as participações bem planejadas da seleção brasileira em todos estes eventos é que podem consolidar a modalidade na predileção dos jovens de agora; e também modificar a posição até mesmo dos mais céticos formadores de opinião no país em relação ao assunto – para que distorções, mentiras e preconceitos sejam erradicados da crítica esportiva brasileira. Os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, em 2016, podem ser um novo marco para o pleno exercício da cidadania no país, se formado um pacto social pelo esporte, como meio transformador da vida de crianças, jovens e adultos em todos os âmbitos da vida em família, na escola e no trabalho. O futebol feminino tem a oportunidade de transformar e de ser transformado neste contexto.

Declarações e relatos de atletas de futebol nos meios de comunicação de massa no Brasil vêm sensibilizando a população sobre as alegrias e sofrimentos pelos quais todas estas mulheres passam para seguirem seus ideais e concretizarem seus sonhos. Tão ou mais importante que títulos, a maior resposta que estas atletas podem dar à sociedade brasileira é a alternativa do esporte à violência, às drogas, à evasão escolar, à alimentação não balanceada, ao sedentarismo infantil e juvenil – pois esta resposta é a história de vida destas e de muitas outras mulheres.

O Futebol Feminino em Abordagens Historiográficas

Não é raro encontrar apenas um parágrafo ou um uma nota de rodapé de obras clássicas ou de referência em historiografia, memórias, crônicas e curiosidades do futebol e do esporte em geral, para se colher quaisquer informações sobre o futebol feminino. Em obras como “*História do Futebol no Brasil: 1894-1950*”, de Thomaz Mazzoni, por exemplo, faz-se referência a uma partida amistosa entre as equipes femininas do *Brasileiro* e do *Cassino Realengo*, preliminar da partida entre *São Paulo F.C.* e *C.R. Flamengo*, a 17 de maio de 1940, no Pacaembu, em São Paulo, a qual chamou a atenção de repórteres de noticiários impressos como a *Folha da Manhã* (Atual *Folha de S. Paulo*). Em “*O Negro no Futebol Brasileiro*”, de Mário Rodrigues Filho, as mulheres aparecem apenas como espectadoras de partidas cujos pais, filhos, maridos ou namorados estavam também presentes, como espectadores ou atletas.

Em *compêndios e tratados* de história do futebol, cite-se, por exemplo, a “*Breve História do Futebol Brasileiro*”, de José Sebastião Witter, na qual descreve em nota de

rodapé sobre a inauguração do futebol feminino no Brasil com a partida amistosa entre as equipes femininas do *Tremembeense* e *Cantareira*, em São Paulo. Em “*A Dança dos Deuses: Futebol, Cultura e Sociedade*”, de Hilário Franco Júnior, relata-se sobre uma famosa equipe feminina chamada *Dick, Kerr's Ladies*, de trajetória irretocável e que lotava, com milhares de espectadores, estádios de futebol ingleses e de outros países europeus, entre os finais da década de 1910 e inícios da década de 1920. Esta mesma informação encontra-se em “*Uma História do Futebol*”, de Bill Murray. Dentre os livros de memórias do futebol de relevância para os estudos em história do futebol feminino, certamente é “*O Dia em que as Mulheres Viraram a Cabeça dos Homens*”, do treinador de Futebol, Renê Simões, no qual ele relata sua experiência à frente da seleção brasileira de futebol feminino, vice-campeã olímpica em Atenas 2004. Sociologia amparada pelas Ciências do Esporte, em “*Beleza em Jogo: Cultura Física e Comportamento em São Paulo nos Anos 20*”, de Mônica Raisa Schpun, dedicam-se páginas sobre os padrões culturais esportivos nas quais o futebol feminino é discutido à luz de valiosas publicações à época como o “*Manual de Educação Physica*”, de 1923, do educador Fernando de Azevedo, e um artigo intitulado “*Porque as Mulheres não devem jogar Futebol*”, em *Educação Physica – Revista de Esportes*, de 1940, de um especialista da área, Henry Ballariny.

A obra “*Veneno Remédio: o Futebol e o Brasil*” – de José Luís Wisnik –, publicada também recentemente, comporta-se como outro grande referencial para os estudos pertinentes ao futebol, porque preocupado com a modalidade em si, seus condicionantes e perspectivas, seja pela “quadratura do circo” em seus aspectos sociais e lingüísticos, seja pela corajosa compreensão dos emblemas e identidades nacionais à luz de autores respeitados como Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre. O futebol no Brasil, entendido pelo autor como “*Veneno Remédio*”, justifica-se pela sua complexidade e simplicidade, por opostos que também se complementam dentro e fora das quatro linhas: “coletivo e individualista, pragmático e artístico, útil e inútil, surpreendente e belo, carnavalesco e trágico”. Contribuição ensaística estimulada por estudos como os do cineasta P. P. Pasolini sobre futebol e esportes (baseados em psicanálise e semiologia), publicados à década de 1970, e caracterizada pelo argumento pessoal de autoridade, memória e história de vida e, particularmente, o emprego de curiosidades em sua narrativa de caráter sociológico e de plena fluência em linguística,

esta obra se diferencia pela sugestão de se comparar o diálogo entre esta modalidade e o universo das letras (tanto prosa como poesia), porque ambos inerentes ao campo do real e às possibilidades de serem passionalmente marcantes ou inexpressivos aos seus praticantes ou apenas espectadores, diferentemente de quaisquer outros esportes e artes. E, à parte sua breve contribuição, propriamente dita, à historiografia e aos estudos sobre futebol feminino, o aporte conceitual e a experiência literária na produção desta obra se bastam como motivos para comentá-lo com maior apreciação no projeto de pesquisa.

Mas a maior parte do conjunto bibliográfico acerca do futebol feminino se encontra em diversas revistas acadêmicas voltadas às áreas das Ciências do Esporte e de Humanidades. Artigos de caráter historiográficos como “*As Narrativas sobre o Futebol Feminino: o Discurso da Mídia Impressa em Campo*”, de Leila Mourão e Márcia Morel – em *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* –, e “*Futebol é 'coisa para macho'? Pequeno Esboço para uma História das Mulheres no País do Futebol*” de Fábio Franzini – publicado na *Revista Brasileira de História* – são títulos representantes dos esforços pessoais e de laboratórios no desenvolvimento de estudos sobre os diversos aspectos que envolvem o futebol feminino e outras modalidades esportivas, como o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Esporte e Sociedade do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense (NEPESS). Por meio destas publicações impressas e/ou digitais, podem-se levantar numerosas de informações previamente colhidas de textos jornalísticos e revistas especializadas em esporte, comportamento e etc., de décadas passadas; mas, sobretudo, compreender a situação do assunto no ambiente historiográfico e acadêmico na atualidade. É vasto o conjunto de obras que tratam sobre o futebol e seus mais diversos aspectos: futebol e sociedade, futebol e torcidas organizadas, futebol e globalização, futebol e etc. Mas a disponibilidade de obras especificamente sobre o futebol feminino está aquém destes tantos outros temas relacionados a esta modalidade esportiva, e mesmo ao esporte em geral.

Conjunto de grande relevância para o desenvolvimento deste projeto de pesquisa, a bibliografia específica sobre as relações de gênero se compõe de obras em historiografia, e ciências humanas em geral. Obras alicerçadas nas concepções teóricas sobre a questão de gênero, respectivamente, colocam-se como leituras paradigmáticas. Inevitavelmente, as intenções do projeto de pesquisa vão de encontro ao, cada vez mais amplo, campo de temas relacionado às mulheres. Relações de gênero e de trabalho,

políticas sociais, memória e identidade, envolvidas na seara do futebol, enquanto tema de interesse intelectual e acadêmico, podem se servir do aporte oferecido por obras como “*Gender and Politics in History*”, de Joan Wallach Scott, e “*Os Excluídos da História: Operários, Mulheres e Prisioneiros*” de Michelle Perrot, dentre outras. Vale também ressaltar a importância das publicações do Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu, da Universidade Estadual de Campinas, como os “*Cadernos Pagu*”, lançados desde 1993 até o presente momento, além das contribuições individuais dos pesquisadores dali integrantes deste centro de estudos interdisciplinar.

E no que concerne a concepções teóricas e procedimentos metodológicos, a serem empregados no desenvolvimento, vale-se fazer referência a publicações acerca de conceitos e práticas em história oral. Uma vez que o maior campo de pesquisa sobre o futebol feminino corresponde às últimas três décadas, a história oral se apresenta como uma alternativa viável para o estudo da *história do tempo presente*. Deve-se, pois, fazer referência a publicações como “*A Voz do Passado: História Oral*”, de Paul Thompson; “*Manual de História Oral*” de José Carlos Sebe Bom Meihy; “*História Oral: Possibilidades e Procedimentos*” de Sônia Maria de Freitas; “*Usos e Abusos da História Oral*”, organizado por Janaína Amado e Marieta Moraes Ferreira. Embora não ainda haja de fato um caráter estatutário da história oral, e tampouco uma concisão entre as concepções de cada uma destas publicações que, por sua vez, representam determinadas tendências desta área do conhecimento, deve-se reconhecer as virtudes de cada uma destas: por exemplo, a valorização das histórias de vida de pessoas comuns, anônimas, senão mesmo excluídas de processos sociais/históricos, de acordo com J.C.S.B. Meihy e o Núcleo de Estudos em História Oral da USP (NEHO-USP); ou a contribuição de entrevistas (entendidas enquanto depoimentos) para a composição de uma suposta “história oficial” encomendada ou destinada a determinados grupos (como o corpo institucional de empresas, e/ou categorias profissionais específicas) requerentes deste discurso – entendendo-se isto a partir do conteúdo do conjunto de publicações do Centro de Pesquisa e Documentação da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV).

Bibliografia Fundamental:

Futebol e Esporte:

ALABARCES, Pablo (org.). *Peligro de Gol: Estudios sobre deporte y Sociedad en América Latina*. Buenos Aires: Clacso. 2000.

AZEVEDO, Fernando. *Manual de Educação Física*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação. 1923.

BALLARINY, Henry. “*Porque a Mulher não deve Praticar Futebol*”. Educação Física – Revista de Esportes. São Paulo, nº46. 1940.

CADERNOS PAGU. Campinas: Núcleo de estudos de Gênero – Pagu, Unicamp. n.1-34, 1993-2010.

CASTELLANI FILHO, L. *Educação Física no Brasil: a História que não se conta*. Campinas: Papyrus. 1991.

DA MATTA, Roberto (org.). *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke. 1982.

FRANZINI, Fábio. “*Futebol é coisa para macho?*”; in: **REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA**. São Paulo: ANPUH. v. 25., nº50. Julho a dezembro de 2005.

FRANCO JR. Hilário. *A emigração na futebolística brasileira: entre a globalização e violência social*; in: **VERANO**, Paulo N. (org.). *Livro do Ano 2008*. São Paulo: Balsa Planeta. 2008. 320-23.

_____. *A Dança dos Deuses: Futebol, Cultura e Sociedade*. São Paulo: Cia. das Letras. 2007.

_____. *Os Bambas da Bola*; in: **Folha de S. Paulo**, Mais, São Paulo, 7/12/2008. p.3 [Entrevista a Ernane Guimarães Neto].

_____. *Futebol e suas Razões de Estado*; in: **O Estado de São Paulo**, Aliás, São Paulo, 4/11/1997. p.4-5. [Entrevista a Flávia Tavares e Fred Melo Paiva].

_____. *Futebol versus Sociedade*; in: **O Estado de São Paulo, Aliás**, 30 de Dezembro 12 de 1997. p. 9.

KNIJNIK, Jorge Dorfman. *Femininos e Masculinos no Futebol Brasileiro*. Tese de Doutorado – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. 2005.

LOVETRO, José Alberto; **COSTA**, Gualberto. *História do Futebol no Brasil em Cartum*. Rio de Janeiro: Bom Tempo. 2004.

LEVER, Janet. *Soccer Madnes: Brazil's Passion for the world's most popular sport*.1983.

MAZZONI, Thomaz. *História do Futebol no Brasil: 1894-1950*. São Paulo: Leia. 1950.

MATHIAS, Milena Bushatsky; **RUBIO**, KATIA. *As práticas corporais femininas em clubes paulistas do início do século XX*; in: **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. v. 24. 2010. pp. 275-84.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom Meihy; **WITTER**, José Sebastião (orgs.). *Futebol e Cultura: Coletânea de Estudos*. São Paulo: Imprensa Oficial/AESP. 1982.

MOURÃO, Ludmilla; **MOREL**, Márcia. *As Narrativas sobre o Futebol Feminino: o Discurso da Mídia Impressa em Campo*; in: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 26, n. 2, Jan. de 2005.

MURRAY, Bill. *Uma História do Futebol*. São Paulo: Hedra. 2000.

REIN, Irving; **KOTLER**, Philip; **SHIELDS**, Ben. *Marketing Esportivo: A Reinvenção do Esporte na Busca de Torcedores*. Porto Alegre: Bookman. 2008.

RODRIGUES, Nelson. *À Sombra das Chuteiras Imortais*. São Paulo: Cia. das Letras. 2003.

_____. *A Pátria em Chuteiras*. São Paulo: Cia. das Letras. 2004.

RODRIGUES FILHO, Mário. *O Negro no Futebol Brasileiro*. Petrópolis: Forno. 1994. [1947, 1964].

RUBIO, Katia (Org.). *Megaeventos Esportivos, Legado e Responsabilidade Social*. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2007.

_____. *Medalhistas Olímpicos Brasileiros: Memórias, Histórias e Imaginário*. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2006.

SALDANHA, JOÃO. *O Drama da Bola*. São Paulo: Cosac & Naif. 2002.

SALLES, J.G.C.; **SILVA**, M.C.P.; **COSTA**, M.M. . *A Mulher e o Futebol: Significados Históricos*; in: **VOTRE**, J (Coord.), in: *A representação social da Mulher na Educação Física e no Esporte*. RIO DE JANEIRO: ED. CENTRAL/UGF. 1996.

SALUN, Alfredo Marques. *Palestra Itália e Corinthians: Quinta coluna ou tudo buona gente?*. Tese de Doutorado – Universidade de São Paulo. 2008.

SCHPUN, Mônica Raisa. *A Beleza em Jogo: Cultura Física e Comportamento em São Paulo nos Anos 20*. São Paulo: Boitempo/SENAC. 1999.

SEVCENKO, Nicolau. *Futebol, Metrópole e Destinos*; in: Revista da USP – Dossiê Futebol. São Paulo: EDUSP, nº22. Junho a Agosto de 1994. pp. 30-7.

SIMÕES, Renê Rodrigues. *O Dia em que as Mulheres Viraram a Cabeça dos Homens*. Rio de Janeiro: Qualitymark. 2004.

TONINI, Marcel Diego. *Além dos gramados: história oral de vida de negros no futebol brasileiro (1970-2010)*. Dissertação de Mestrado – Universidade de São Paulo. 2011.

TUBINO, Manoel José Gomes. *As Dimensões Sociais do Esporte*. São Paulo: Cortez. 2001.

WISNIK, José Miguel. *Veneno Remédio: o Futebol e o Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras. 2008.

Aportes Conceituais, Procedimentos Metodológicos e sobre Gênero:

AMADO, Janaína; **FERREIRA**, Marieta Moraes (Orgs.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2ª edição. 1998.

- BHABA**, Homi K. *The Location of Culture*. London, New York: Routledge. 1994.
- BLOCH**, Marc. *Apologie pour l'Histoire ou le Métier d'Historien*. Paris: Armand Colin. 1949.
- BOSI**, Ecléa. *O Tempo Vivo da Memória: Ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2ª edição. 2004.
- _____. *Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos*. São Paulo: Cia. das Letras, 15ª edição. 2009.
- BRESCIANI**, Stella; **NAXARA**, Márcia (Orgs.). *Memória e (Res)sentimento: Indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Unicamp. 2001.
- CALDAS**, Alberto Lins. *Oralidade, Texto e História: Para ler História Oral*. São Paulo: Loyola. 1999.
- CASTRO**, Ana Lúcia Siaines de. *O Valor da Informação: um desafio permanente*; in: DataGrama – Revista de Ciências da Informação, v. 3, nº3, Junho de 2002.
- CHAUÍ**, Marilena de Souza. *Brasil: Mito Fundador e Sociedade Autoritária*. São Paulo Fundação Perseu Abramo. 2000.
- CUNHA**, Maria Clementina Pereira Cunha (Org.). *O Direito à Memória: Patrimônio Histórico e Cidadania*. São Paulo: SMC/DPH. 1992.
- DINIZ**, Debora; **MEDEIROS**, Marcelo; **BARBOSA**, Lívya. *Deficiência e Igualdade*. Brasília: Letras Livres/Ed. UnB. 2010.
- DINIZ**, Debora; **SANTOS**, Wederson (Orgs.). *Deficiência e Discriminação*. Brasília: Letras Livres/Ed. UnB. 2010.
- FERREIRA**, Marieta Moraes (Coord.). *Entre-vistas: abordagens e usos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV. 1994.
- FREITAS**, Sônia Maria de. *História Oral: Possibilidades e Procedimentos*. São Paulo: Humanitas. 2002.
- HALBWACHS**, Maurice. *Les Cadres Sociaux de la Mémoire*. Paris: F. Alcan. 1935.
- _____. *Mémoire Collective*. Paris: PUF. 1950.
- HELLER**, Agnes. *O Cotidiano e a História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1992.
- JOUTARD**, Philippe. *Esas voces que nos llegan del pasado*. Mexico D.F.: Fondo de Cultura Económica. 1986.
- LEFÈBVRE**, Henri. *La Quotidienne dans le Monde Moderne*. Paris: Gallimard. 1968.
- LE GOFF**, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Unicamp. 1991.
- LE GOFF**, Jacques; **NORA**, Pierre. *Faire l'Histoire*. Paris: Armand Colin. 1974. 3 vols.
- MEIHY**, José Carlos Sebe Bom. *(Re)Introduzindo História Oral no Brasil*. São Paulo: Xamã/FFLCH-USP. 1996.
- _____. *Manual de História Oral*. São Paulo: Loyola, 5ª edição. 2005.

NEHO-HISTÓRIA. São Paulo: FFLCH-USP. N. 0-1. 1988-99.

ORALIDADES – Revista de História Oral. São Paulo: FFLCH/NEHO. N 1-3. 2006-10.

POLLACK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*; in: *Estudos Históricos: teoria e história*, Rio de Janeiro, v. 2, n.3. 1989.

PERROT, Michelle. *Os Excluídos da História: Operários, Mulheres e Prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2006.

_____. *As Mulheres ou os Silêncios da História*. Bauru: Edusc. 2005.

_____. *Mulheres Públicas*. São Paulo: Ed. Unesp. 1998.

REVISTA HISTÓRIA ORAL. São Paulo: ABHO. N. 1-6. 1998-2003.

THOMPSON, Paul. *A voz do Passado: História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1992.

SCOTT, Joan W. *Gender and the Politics of History*. Nova Iorque: Columbia University Press. 1988.